

Cláudia Borges Shimabukuro

De que forma a iluminação se tornou sua principal atividade como arquiteta?

Foi por acaso. Quando saí da faculdade, eu nem sabia da existência da área e achava que iria trabalhar com paisagismo. Mas logo fui mordida pelo “bichinho” da iluminação, me apaixonei, e aí já vão 17 anos.

Quais foram os trabalhos mais importantes da sua carreira até hoje?

São tantos importantes que fica difícil escolher. Vale falar da experiência em 2007 e 2008, quando estivemos trabalhando em Dubai – participando de conceito de iluminação de uma ponte para a Palmeira Jebel Ali, através da Studio Lite, que era nosso parceiro lá; do trabalho para a Nike, com diversas lojas espalhadas pelo Brasil; do primeiro edifício sede para o Programa das Nações Unidas (PNUD), em Brasília; da fábrica da Saint Jude Medical, em Belo Horizonte; da sede da BASF, no Rochaverá, e dos restaurantes Varanda Grill e Mocotó.

Você e a Leticia Mariotto são sócias desde 2007, porém, trabalham juntas há mais tempo. Qual a receita para esta parceria?

A Leticia e eu nos conhecemos desde crianças, quando íamos passar férias em Águas de Lindoia, muito antes de imaginarmos ser arquitetas. Perdemos contato na adolescência e nos reencontramos em uma bienal de arquitetura: eu recém-formada e ela no último ano. Desde então, não perdemos mais o contato, e, quando



Marcelo Kahn

Em 2008, lighting designer realizou o sonho de ter seu próprio escritório, onde conseguiu unir a paixão pela atividade com o amadurecimento profissional.

Entrevista concedida a Adriano Degra

eu estava na Franco & Fortes, apareceu a oportunidade de trabalharmos juntas. Depois, mesmo trabalhando em outros escritórios, continuamos a conciliar projetos juntas até nascer a Lit Arquitetura de Iluminação. Não sei se há uma receita, mas como base é indispensável a afinidade de valores e a disposição diária para ajustes e mudanças que se façam necessários conforme o escritório vai se desenvolvendo.

Como você avalia o mercado hoje com relação a como ele era quando você começou?

Acredito que houve uma melhora em termos de compreensão do que nós fazemos pelo mercado. Diminuíram as situações onde temos que explicar qual é nossa função e o que iremos desenvolver e entregar. Credito parte disso à especialização cada vez maior das disciplinas envolvidas em um projeto, porque está tudo cada vez mais rápido, e também por termos mais cursos que abrangem a profissão.

Na edição 2013 do Prêmio Abilux Projetos de Iluminação você participou do júri. Qual sua avaliação sobre o nível dos projetos inscritos?

Fiquei muito feliz e honrada em ser jurada e todos os projetos premiados mereceram. De uma forma geral, esperava que tivéssemos mais projetos inscritos. Talvez, para a próxima edição, pudesse ter uma estratégia mais ampla de divulgação para termos mais participantes.

Segundo a Resolução N° 51 do CAU, somente arquitetos podem realizar projetos de arquitetura de iluminação. Você concorda com isso?

Este é um ponto bastante polêmico. Acho complicado, a partir de um determinado momento, passar uma linha e dizer: quem está deste lado pode e quem está do outro não pode. Acredito que a trajetória de um profissional seja mais ampla do que um título de graduação, e casos de exceção precisam ser levados em conta. Precisa haver um espaço para esta discussão. ◀